

PONTEIO

ALCIDES VILLAÇA

Os olhos tocam primeiro,
mas as palavras por fim.

Mas as palavras repousam,
e os olhos devem seguir.

Os olhos sabem primeiro,
mas as palavras recolhem.

Mas as palavras não colhem
do campo o que os olhos colhem.

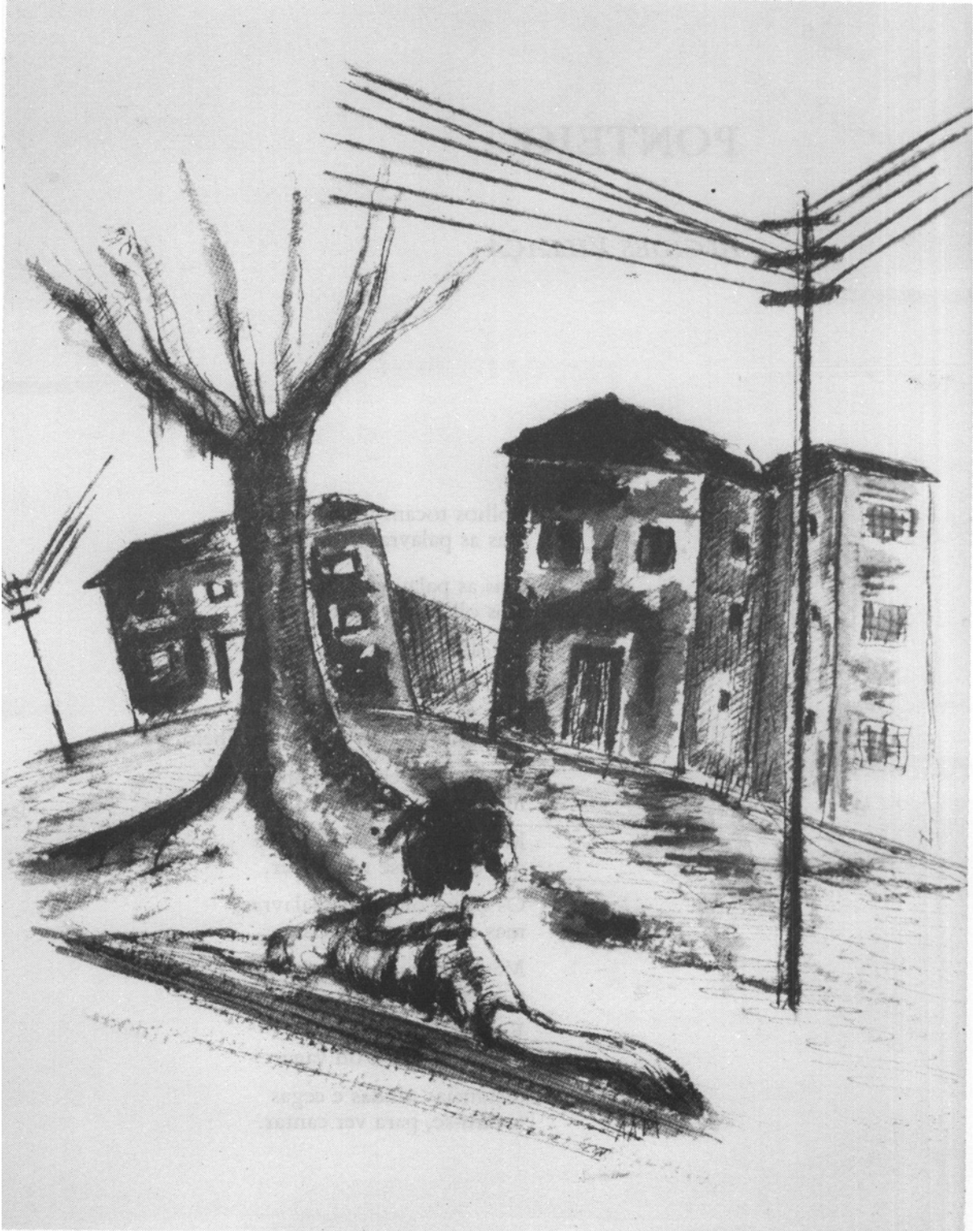
Os olhos querem o tempo,
mas as palavras já têm.

Mas nas palavras não cabe
dos olhos esse não saber.

Os olhos olham as palavras,
mas as palavras entoam.

Mas as palavras retornam,
e os olhos nascem além.

Entre olhos e palavras
não fique ânsia ou vagar:
distâncias mudas e cegas
tocam-se, para ver cantar.



para *Milton*

NASCIMENTO

ALCIDES VILLAÇA

Todo som é alto
toda água sobe
nasce já subindo
todo corpo é clímax
sempre na vertente
todo bico é pássaro
nas últimas folhas
todo amor perdura
no alto do galho
toda luz é sempre
nasce já incêndio
todo sopro dura
na vida na chama
toda brasa queima
sua luz minéria
toda mina guarda
seu plural no fundo
todo nome sabe
seu fundo no corpo
toda face é faca
nasce já cortando
todo mel é sumo
de madura chama

Alcides Villaça, professor de Literatura Brasileira da USP, publicou o livro de poemas *Viagem de Trem*, 1989.

ESCARAVELHO

CARLOS FELIPE MOISÉS

As patas são seis,
às vezes se encolhem no fim da tarde,
sodem de vez em noites de luar.
Enquanto os cornos vibram
minúsculos pulmões se inflamam.
É uma bola de fogo
imaculadamente
branca.

Em volta,
os párias apertam o cerco
em busca das placas multicoloridas
que se soltam da carcaça
ainda quente.
As patas são seis
e escavam aflitas.
Soluça até raiar o dia
e reinicia a escavação.
Não sabe onde esconder
o arco-íris
cravado
no dorso que nunca verá.

JOANA D'ARC

CARLOS FELIPE MOISÉS

Olhar sem malícia
corpo sem pecado
a alma sonha blandícia
coração enlutado.

Na alta fogueira jaz
nada mais a move
espera o que não quer
desespera do que sabe.

Sabe? O fogo incendeia
tudo em redor
e uma chama azul abriga
o coração em flor mudado.

Olhar sem malícia,
corpo sem pecado,
a alma não sonha:
é blandícia

e um coração alado
tinge de azul
(é manhã)
o mundo carbonizado.

Carlos Felipe Moisés, professor de Literatura Portuguesa da USP, publicou, entre outros, os seguintes livros de poesia: *Poemas reunidos*, 1974; *Círculo imperfeito*, 1978.

AS CATADORAS DE PIOLHOS

" *A poética fora de moda desempenhava um bom papel em minha alquimia do verbo.*"

Tradução: Ledo Ivo e Francisco Alves

ARTHUR RIMBAUD

*Contrabandeado e traduzido por
Rubens Rodrigues Torres F^o*

Quando a fronte do infante, vermelha das tormentas,
Só implora o enxame branco dos sonhos sem perfil,
Se acercam de sua cama duas grandes irmãs atentas,
Trazendo dedos frágeis, com unhas de ar gentil.

Fazem sentar o infante ao pé de uma janela
Aberta (onde o ar azul banha uma confusão de flores)
E em seus cabelos densos que o orvalho gela
Passeiam os dedos finos, terríveis e encantadores.

Ele escuta cantar o hálito dessas divas
Temerosas, que rescende a longos méis vegetais,
Às vezes sincopado de um silvar: salivas
Chupadas para os lábios — ou vontades de beijar?

Ouve o bater de suas negras pestanas, sob silêncios
Perfumados; e aqueles dedos elétricos, mansinhos,
A fazer crepitar, em meio a cinzas indolências,
Sob suas régias unhas, a morte dos piolhinhos.

Eis que sobe por ele o vinho da Preguiça,
Suspiro de acordeom capaz de delirar;
E nasce nele, conforme a lentidão das carícias,
Um exato querer-e-não-querer chorar.

INTIMIDADE

RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO

Por tudo isso que se esvazia e se corrompe minha
amizade é profunda. Calo
dentro de mim vazios e intermitências
e ainda, no mesmo gênero, toda espécie de claridades.
Não lhes dou voz. Em troca
são mansos, não dão trabalho
e às vezes quando assim assediados revelam finalmente
seu lado cúmplice. É sempre assim.

Rubens Rodrigues Torres Filho, professor de Filosofia Clássica Alemã da USP, publicou os seguintes livros de poesia: *Investigação do olhar*, 1963; *O voo circunflexo*, 1981; *A letra descalça*, 1985 e *Figura*, 1987.

EURÍPIDES: MEDÉIA*

(Episódio Final)

Tradução de Jaa Torrano

Medéia

A

	migas, decidiu-se a ação o mais rápido:	1236
	que eu mate os filhos e parta do país para que com a demora não dê os filhos para outra mão inimiga massacrá-los.	
	É de todo necessário que morram; assim, nós os massacraremos, que os criamos.	1240
	Eia! Às armas! Coragem! Por que não iremos fazer os terríveis e necessários males?	
	Vamos! Ó minha mísera mão, pega a espada!	
	Pega! Corre para a meta triste da vida!	1245
	Não te aviltas, nem te recordes de filhos amadíssimos, que geravas; mas por este breve dia, esquece-te de teus filhos.	
	Depois, pranteia! Ainda que os mates, foram queridos e eu mulher de má sorte.	1250
Coro de mulheres	<i>Ió!</i> Terra e onibrilhante raio de Sol, contemplai, vede esta funesta mulher, antes que lance fatal mão homicida sobre os filhos. Floriu de tua áurea progênie e o derrame do sangue de Deus por homens é pavoroso. Ó Luz nascida de Zeus, segura-a, dá-lhe pausa, expulsa de casa a mísera homicida que é Erínis sem-latência.	EST. 1255
	Vãs foram as fadigas dos filhos, vã foi a geração querida que geraste, ó tu, transeunte da inóspita foz das negras pedras Simplégadas!	1260 ANT.

* Cf. Eurípedes — *Medea*. The text edited with introduction and commentary by Denys L. Page. Oxford, Clarendon, 1985.

	Ó coitada, por que te cai grave cólera e malévolos massacre se permuta? Áspera para mortais é a consangüínea poluição da terra. Uníssonas com o crime, as aflições caem dos Deuses sobre a casa.	1265 1270
Filhos	(Dentro do palácio:) <i>Ió moi!</i>	
Coro	Ouves grito, ouves grito de crianças? <i>Ió! Mísera mulher de má sorte!</i>	EST.1273 1274
Filho	<i>Oimoi!</i> Que fazer? Onde fugir da mão materna?	1271
Filho	Não sei, irmão querido, estamos morrendo.	1272
C.	Entrar no palácio? Decido impedir o massacre das crianças.	1275
Filhos	Pelos Deuses, impedi, pois é preciso! Tão próximos estamos das redes da espada.	
C.	Mísera, tu eras pedra ou ferro? Tu, que matas com homicida sorte a lavoura de filhos que geraste? Ouvi falar que uma mulher outrora lançou a mão sobre os filhos queridos: Ino, louca pelos Deuses, quando a esposa de Zeus banuiu-a de casa a vaguear. Essa coitada cai no mar, pelo malpíio massacre das crianças, ao estender o pé sobre o alcantil; morta com os dois filhos, perece. Que aconteceria ainda terrível?	1280 ANT. 1285 1290
Jasão	Ó leito de mulheres, multifatigado, quantos males já fizeste aos mortais! Mulheres, que estais diante do palácio, Medéia, que fez o terrível, ainda está em casa, ou mudou-se para o exílio? Ela deve ocultar-se debaixo da terra, ou com asas erguer-se no céu profundo, se não dará paga ao palácio dos tiranos. Confiaria que ao matar os donos do país, pudesse evadir-se impune deste palácio? Mas ela não me preocupa com os filhos. Os que ela maltratou a maltratarão, mas vim salvar a vida dos meus filhos, que não lhes façam algo os familiares, ao punirem o ímpio massacre da mãe.	1295 1300 1305
C.	Ó coitado, não sabes onde foste na ruína, Jasão, pois não dirias essas palavras.	
J.	Que é? Ela até a mim quer matar?	
C.	Teus filhos, mortos pela mão da mãe.	
J.	<i>Oimoi!</i> Que dizes? Destruíste-me, mulher.	1310
C.	Não cuides mais de teus filhos vivos.	
J.	Onde os matou? Dentro ou fora de casa?	
C.	Abre a porta e verás a morte de teus filhos.	
J.	Tirai traves o mais rápido, ó fâmulos, Soltai trancas, para eu ver o duplo mal e fazer justiça a meus mortos e a ela.	1315

- M. Por que moves e removes esta porta
em busca de mortos e de mim que os matei?
Cessa essa fadiga! Se precisas de mim,
diz, se queres algo, mas não porás a mão! 1320
O Sol, pai do pai, nos dá tal veículo,
um baluarte contra a mão inimiga.
- J. Ó poluição máxima, ó mulher a mais odiosa
aos Deuses, a mim e a todo o gênero humano,
tu ousaste lançar a espada nos filhos 1325
que pariste e sem-filho me destruístes!
Ainda assim tendo feito, contemplas o Sol
e Terra, após ousar ação a mais ímpia?
Morras! Eu agora estou lúcido, antes não,
quando de casa e da terra bárbara 1330
conduzi-te a um lar grego, ó grande mal,
traidora do pai e da terra que te criou.
Deuses me enviaram teu Nume sem-latência.
Tu mataste o teu irmão em teu lar
e embarcaste em Argos de bela proa, 1335
princiaste assim. Quando desposada,
junto deste marido e mãe de meus filhos,
por causa da cama, tu os destruístes.
Não há mulher grega que ousou isso!
A tais mulheres, eu preferi desposar-te 1340
aliada e inimiga funesta para mim,
leoa, não mulher, com uma natureza
mais selvagem que a tirrênia Cila.
Nem com miríades de vitupérios
eu te magoaria, tal ousadia tens. 1345
Some, ó malfeitosa sangrenta dos filhos!
Pertence-me prantejar o meu Nume.
Eu nem fruirei as novas núpcias,
nem posso interpelar vivos os filhos
que gerei e criei; contudo, pereci. 1350
- M. Longamente eu me estenderia contra tuas
palavras, se Zeus pai não conhecesse
o que de mim sofreste e o que fizeste.
Tu, por desonrar meu leito, não devias
passar a vida prazenteira a rir de mim, 1355
nem a tirana, nem quem te deu a noiva,
Creonte, impune banir-me desta terra.
Ademais, se queres, chama ainda leoa
e Cila que habita a planície tirrênia.
Contragolpeei teu coração como é preciso. 1360
- J. Participas tu dos dolorosos males.
M. Bem sabe: rende a dor, se tu não rias.
J. Ó crianças, que maligna mãe tivestes!
M. Ó filhos, que vos perdestes por mal paterno!
J. Não minha destra, porém, destruiu-vos. 1365
M. Mas o ultraje e as tuas novas núpcias.
J. Ao leito deste o valor de seu massacre?
M. Parece-te que para a mulher é uma dor leve?
J. Para a prudente. Tu tens todos os males.

M.	Estes não vivem mais, isto te magoará.	1370
J.	Eles vivem, poluidores de tua cabeça.	
M.	Deuses sabem quem principiou o mal.	
J.	Sabem sim de teu odioso espírito.	
M.	Odeia! Detesto tua palavra amarga.	
J.	E eu a tua: é fácil o afastamento.	1375
M.	Então? Que fazer? Quero muito também.	
J.	Deixa-me sepultar os mortos e pranteá-los.	
M.	Não, porque os sepultarei com esta mão, no templo da Deusa Hera Promontória para que nenhum inimigo os ultraje revolvendo a tumba. Na terra de Sísifo, darei a veneranda festa e as cerimônias doravante, por este malpio massacre. Eu mesma irei à terra de Erecteu para casar com Egeu filho de Pandíon.	1380
	Tu, vil, terás morte vil como convém, golpeado no crânio pela relíquia do Argos, ciente das amargas cerimônias de minhas núpcias.	1385
J.	Destrua-te Erínis, ó homicida dos filhos. Destrua-te Justiça.	1390
M.	Que Deus ou Nume te ouve, ó perjúrio lesivo a seus hóspedes?	
J.	<i>Phet phet!</i> Tu, poluente infanticida!	
M.	Vá ao palácio e sepulta a esposa.	
J.	Vou, sem o quinhão dos dois filhos.	1395
M.	Assim pranteia, espera até a velhice.	
J.	Ó filhos queridos!	
M.	Pela mãe, não por ti!	
J.	Tu os mataste!	
M.	Para te punir.	
J.	<i>Omoi!</i> Preciso da boca querida dos filhos, mísero, para beijar.	1400
M.	Agora os invocas, agora os abraças, antes repelias.	
J.	Dá-me, pelos Deuses, tocar a meiga pele de meus filhos!	
M.	Não pode. Vá palavra foi proferida.	
J.	Ó Zeus, ouves que somos repelidos e o que sofremos desta poluente leoa massacradora de crianças? Mas quanto é possível e assim posso pranteio-os e apelo aos Deuses pedindo testemunho de Numes:	1405
	tu, infanticida, me impedes de tocar e sepultá-los mortos. Nunca eu os houvesse gerado para vê-los destruídos por ti!	1410
C.	Muitos são os dons de Zeus Olímpio, muitos os inesperados atos dos Deuses e assim os esperados não se cumprem, Deus acha passagem para o inesperado. Assim acabou este drama aqui.	1415

ODYSSEIA

JAA TORRANO

Pesam meus dias os remoinhos de Posídon
vigílias em terras inimigas e os caminhos úmidos.
Paz em Ítaca que ainda não tive
deve ser algo terrível.

Como suportaria a paz pré-tumular em meu lar
banido do convívio com o inimigo
e exilado das regiões que meus olhos jamais viram?

Ainda que a Deusa me desse ambrosia
e vida imortal para eu gozar o seu amor
no umbigo do mar,

que alegria eu teria
se não mais visse
o Dia que até o ver o desconhecia?

Jaa Torrano, professor de Língua e Literatura Grega da USP, autor dos seguintes livros: *Ésquilo – Prometeu Prisioneiro*, 1985; *O sentido de Zeus. O mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo*, 1988 e *Hesíodo – Teogonia. A origem dos deuses*, 1989.

AOS MEUS FILHOS

JOSÉ JEREMIAS

Que vôo provisório as andorinhas ensaiam
nos telhados desta casa?
O inverno se aproxima com seus ventres falantes
E elas vão ensaiando as montanhas distantes.
Vão lembrando o futuro
Exercitando as asas.
Voltarão sempre cada vez mais longe.
Até que não encontrem esta casa branca
sinalizando o nevoeiro.

O ESPELHO

JOSÉ JEREMIAS

Quem olha, quem imagina,
São duas metades uma
Por detrás da pele fina.
Só que a pele dos espelhos
Em matéria de retina,
Despida a personalidade,
Enxerga o que se lhe ensina.

José Jeremias, professor de Metodologia das Ciências Sociais da USP, escreveu os livros *Incompetência do só* (seleção de Álvaro Moreyra); *Cantigas do mágico entediado*; *Dedo mindinho*; *Maria* (poema-livro) e *Poemas* (inédito).
